

HATSHEPSUT – A CONSTRUÇÃO DE UMA IMAGÉTICA DE PODER FARAÔNICO

Daniela Camilo¹

RESUMO: Este trabalho visa abordar a imagética que Hatshepsut usou para se legitimar como faraó sobre o Egito. Vamos também tentar entender porque cerca de duas décadas após o seu desaparecimento, houve uma tentativa de eliminação da sua memória eterna por parte dos faraós seguintes.

PALAVRAS-CHAVE: Hatshepsut. Faraó. Legitimação. XVIII Dinastia.

HATSHEPSUT - THE CONSTRUCTION OF AN IMAGE OF PHARAONIC POWER

ABSTRACT: This work aims to address the iconography that Hatshepsut used to legitimize herself as pharaoh over Egypt and try to understand why, about two decades after her disappearance, there was an attempt to eliminate her eternal memory by the following pharaohs.

KEYWORDS: Hatshepsut. Pharaoh. Legitimation., XVIII Dynasty.

INTRODUÇÃO

Quando os Hicsos² finalmente foram expulsos do Egito, a terra dos faraós encontrava-se fragilizada. A actuação de Hatshepsut, que inicialmente governou o Egito como regente de Tutmés III mas que acabou por assumir a função de rei, trouxe prosperidade e retoma económica.

¹ Mestranda em História Antiga pela Universidade de Lisboa. E-mail: daniela.camilo@gmail.com

² O vocábulo significa governantes de uma terra estrangeira e ilustra a origem alóctone deste povo.

Inovadora, eficiente, patrona das artes e administradora notável, Hatshepsut foi descorada pela historiografia. Para tal contribuiu uma *damnatio memoriae*, que a História ainda não conseguiu claramente justificar, mas que condenou o faraó³ a permanecer inumada nas areias do deserto e o seu nome oculto das listagens reais.

Hatshepsut ousou romper com o tradicionalismo faraónico desafiando a ética e as convenções do Egito. Como faraó, Hatshepsut legitimou-se de forma lendária e introduziu uma nova interpretação do poder no Egito com novas formas de cogitar, idealizar, produzir e organizar. De forma pacífica, sem episódios beligeros, instituiu a sua visão da divina realeza egípcia. Esta mulher excepcional impôs-se de forma vanguardista, numa sociedade patriarcal.

Como conseguiu Hatshepsut legitimar o seu reinado sobre as duas terras, durante cerca de vinte e dois anos? E se a sua administração foi profícua e aceite pelo Egito porque postumamente assistimos à extinção da sua presença na História? Será que foi vítima do seu próprio género ou a forma arrojada com que reconstruiu a figura do Faraó e dimensionou o poder faraónico ditou o fado da sua figura histórica?

O que podemos afirmar é que a História tentou obliterá-la e mesmo quando em idos do século XX ela foi redescoberta, durante décadas foi mal interpretada e difamada até se entender que a época de ouro egípcia também levava, insofismavelmente, o nome de Hatshepsut.

³ Não usaremos o termo rainha aplicado a Hatshepsut, visto o vocábulo relacionar-se com o título egípcio Rainha-Mãe ou Grande Esposa Real. Hatshepsut foi um faraó, palavra que em egípcio não tinha feminino.

INÍCIO DA XVIII DINASTIA

Hatshepsut faz parte das primícias da XVIII Dinastia, descendente de uma linhagem matriarcal marcante de incomum bravura e vitalidade. A sua ancestral Ah-hotep I foi irmã e esposa de Seqenenre Tao II e mãe de Ahmés, primeiro faraó desta dinastia. Ah-hotep fundou a linha matrilinear dinástica e manteve o país em relativa segurança, controlo e acalmia durante as ausências militares do marido, Seqenenre Tao II. Conservou a mesma postura defensiva depois da morte deste, bem como durante a regência⁴ do seu filho Ahmés⁵. Esta pertinente mulher teve um efeito tutelar na sua progénie e estabeleceu mais um exemplo de forma e virtude no feminino, que Hatshepsut pode assimilar. Quando Ahmés sucede ao pai, inicia-se a XVIII Dinastia. Ahmés-Nefertari, a Grande Esposa Real de Ahmés era irmã germana do seu marido⁶.

Hatshepsut era filha de Tutmés I⁷ e deve ter nascido por volta do ano 1508 a.C. Esta Dinastia, que reinou entre 1550-1070 a.C. sensivelmente, foi responsável por um período áureo, pontuado pelo expansionismo e cosmopolitismo além do triunfo e expulsão dos Hicsos do território egípcio. Este foi também o início de um período de renovação da união das duas terras onde os próceres de Tebas, legitimados pelo deus tebano, Amon⁸, governaram sobre um Egípto reunificado. Esta dinastia relacionou novamente a linhagem

⁴ Seqenenre Tao II faleceu prematuramente numa batalha contra os Hicsos, o seu herdeiro Ahmés era ainda uma criança, desta forma a rainha fica no poder.

⁵ Ahmés deixou registado numa estela em Karnak a relevância que atribuía à sua mãe ao grafar: “Se has looked after Egypt’s soldiers, she has guarded Egypt, she has brought back her fugitives and gathered together her deserters, and she has pacified Uer Egypt and expelled her rebels.” talvez aludindo ao facto de Ah-hotep ter recorrido literalmente às armas para defender o Egípto devido à tenra idade de Ahmés, Vide TYLDESLEY, 2006, p.84 Vide ARAUJO, 2011, p.139.

⁶ ARAUJO, 2011, p.137-139.

⁷ Tutmés I foi o terceiro Faraó da XVIII dinastia.

⁸ Amon passou a ser a deidade de culto nacional.

do Faraó ao divino, depois do período intermédio precedente ter gerado vários reis estrangeiros sem ligação à linhagem divina faraónica. Foi essencial para a dinastia de Tebas ressuscitar os conceitos obscurecidos pelos Hicsos da descendência mitológica faraónica, o descendente masculino, que ocupava o trono estabelecido para Hórus na terra. O reforçar da ideologia do sagrado associado à realeza egípcia será uma premissa importante para Hatshepsut como veremos posteriormente. Ao mesmo tempo, surge a necessidade de um faraó que conquista e estabiliza⁹ devolvendo a *Maat* ao povo egípcio. Hatshepsut não esquecerá estes pressupostos e serão a base do seu reinado. Destarte, foi responsável por algumas das inovações que esta dinastia encabeçou, uma tendência que já havia observado na altura em que seu pai governava o Egito. Tutmés I, seu progenitor, foi um dos impulsionadores do espírito de conquista tendo liderado companhias na Síria-Palestina e na Núbia. Em termos urbanísticos, Hatshepsut presenciou as obras de Tutmés I em Elefantina, Mênfis, Ermant, Abido e Karnak espelhando o estímulo que permeou esta dinastia¹⁰. A mãe de Hatshepsut foi Ahmés-Nebetta e o seu marido veio a ser Tutmés II, seu meio-irmão. O casamento com Tutmés II não gerou um descendente masculino, apenas Neferure¹¹, uma menina.

O casamento entre irmãos garantia a licitude do Faraó e da sua descendência, a esposa de um faraó era sempre a filha de outro faraó. A filha do rei casa com o seu meio-irmão e investe o seu marido do poder faraónico que ele necessita para ver o governo legitimado. Desta forma, a origem divina é mantida indemne sendo esse o sustentáculo do regime faraônico.

⁹ Esta vertente bélica, que a necessidade impôs, criou um paradigma na XVIII Dinastia, era necessário que a elite e o Faraó agissem como figuras de guerra, o Faraó passa a ter treino militar e assoma-se uma aristocracia militar importante que esta dinastia irá controlar atribuindo-lhes regalias e lugares de destaque.

¹⁰ Vide ARAUJO, 2011, p.141-142.

¹¹ O seu nome significa perfeita é a luz do Sol.

O faraó é afinal o Rei divino, o escolhido pelo cosmos para manter a ordem, o responsável pelo *Maat*. O rei pertence desta forma a dois polos distintos, o divino e o humano, o seu poder sagrado é usado no mundo humano mantendo a ordem e o bom funcionamento do cosmos, o divino está assim sempre interligado com a monarquia.

Quando Tutmés II morre, cerca de três anos após o início do seu reinado, o filho, Tutmés III, seu herdeiro, tem cerca de 2 ou 3 anos. Hatshepsut passa a actuar como regente da criança faraó, algo frequente no Egípto¹².

Assim, Hatshepsut, seria filha, irmã e mulher de faraó. De Ahmés-Nefertari, primeira Grande Esposa Real da XVIII Dinastia, Hatshepsut herda também o título religioso de Esposa de Amon¹³, o que lhe deve ter conferido alguma influência e suporte junto dos sacerdotes de Amon. Neste papel, Hatshepsut actua já como intermediária entre o deus e os humanos, uma função que sempre estaria na dependência do Rei do Egípto, conferindo-lhe autoridade. Este título irá desta forma acrescer aos dísticos que já possuía. Destarte, Hatshepsut seria Grande Esposa Real, Filha do Rei, Irmã do Rei

¹² Vide ROEHRIG, 2005, p.87. Merneith (c. 2990 a.C.), foi mulher do Hórus Djet. Quando este morreu, Den era uma criança por isso Merneith governou como regente sobre o Egípto. Ah-hotep, como vimos, respeitou a tradição egípcia actuando como regente do seu filho, Ahmés, quando Tao II morreu.

¹³ Este título e esta associação ao Deus Amon será de suma importância para a legitimação de Hatshepsut como iremos ver seguidamente. O Título foi obtido por Ahmés através de doação feita no templo, para a sua mulher Ahmé- Nerfertari vide SHAW, 2003, p.210. Contudo Mariam Ayad acredita que o título teria sido entregue primeiro a Ah-hotep mãe de Ahmés-Nerfertari postumamente vide AYAD, 2009, p.4. Parece que a função de Esposa do Deus Amon não era só nominal, mas envolvia preceitos religiosos visto que alguns relevos presentes na capela vermelha mostram a possuidora deste título, neste caso Ahmés-Nerfertari, envergando os trajes sacerdotais. Quanto aos deveres e rituais associados a esta função pouco sabemos Vide TYLDESLEY, 2006, . p.93.O Deus Amon é na XVIII Dinastia o deus de uma teologia difusamente aceite e encabeçada pelos reis. Como criador de tudo, Amon é visto como o ser superior sobre todos os outros deuses visto que nele se concentram todos os atributos que os deuses manifestam. Sendo estes últimos manifestações da natureza, Amon é superior a todos como criador da própria natureza. Destarte a representação de Amon e a sua proeminência, que começa na XI dinastia e é revitalizada na XVIII dinastia com a concepção de que é de Amon que estes reis procedem. Vide. SHAW, 2000, p.226.

e Esposa do deus Amon, a sua linhagem não poderia ser melhor. Educada na corte egípcia, Hatshepsut assimilou todos os preceitos necessários para assumir o lugar de Esposa real e de outras incumbências que a ela pudessem ser atribuídas¹⁴.

HATSHEPSUT NO GOVERNO DO EGÍPTO

Tutmés II morre poucos anos depois de iniciado o seu reinado. A idade pueril do herdeiro, Tutmés III, filho de uma esposa secundária, deixa Hatshepsut como regente do seu sobrinho e à frente da administração do Egípto, papel que ela desempenha segundo os preceitos tradicionalistas, entre as datas aproximadas de 1479 a.C, e 1473 a. C¹⁵. No ano dois de Tutmés III, Hatshepsut introduz na monarquia divina, o oráculo, que identifica Hatshepsut como a escolha de Amon para o trono do Egípto. Esta é a primeira referência a um oráculo feito no Egípto¹⁶ e marca o início de uma política de legitimação divina do Faraó Hatshepsut. Com o oráculo, o deus passa a imiscuir-se directamente na história do próprio homem sem que para isso seja necessário recorrer ao próprio faraó, figura que até aqui comunicaria a vontade do deus. Agora o próprio deus, consegue interceder em assuntos humanos, como fez no caso de Hatshepsut¹⁷. Vários dos seus monumentos contêm inscrições indicando a escolha e favoritismo do deus Amon¹⁸.

¹⁴ Vários autores sugerem que Hatshepsut teria sido na realidade a mente por trás dos poucos anos de reinado de Tutmés II visto que este não seria, à partida, o herdeiro escolhido e que, portanto, não teria a preparação que os seus dois irmãos mais velhos haviam recebido previamente ao seu falecimento. Tutmés II não teria tido o tempo que necessitaria para receber o treino necessário para reinar sobre o Egípto. Estas aceções ainda que difusas não são canónicas e também porque fogem ao âmbito do trabalho não iremos abordá-las.

¹⁵ ROEHRIG, 2005, p.6.

¹⁶ VIDE SALES, 2015, p.91. O Oráculo surge no ano II de Tutmés II mas Hatshepsut só é coroada cinco anos mais tarde no ano 7 Vide JACQ, 1998, p.74

¹⁷ SOUSA, 2009, p.133-134.

¹⁸ Referência ao mito do nascimento divino usado por Hatshepsut para promover a sua figura de

Paulatinamente, Hatshepsut, introduz os conceitos ideológicos e imagéticos que a farão faraó co-regente do Egito. No ano sete de Tutmés III, e com a sua coroação, Hatshepsut assume os epítetos faraônicos recorrendo ao uso de pronomes e terminações femininas. Esta fase coincidiu paradoxalmente com a representação cada vez mais masculinizada do faraó. Os títulos assumidos por Hatshepsut foram: Hórus feminino, «Aquele cujos *kau* são poderosos»; nome *nebtj*, «Rei protegido pelas Duas Senhoras»; Hórus de Ouro, «Manifestação divina», «Aquele cujas coroas são divinas», «Rei do Alto e do Baixo Egito»; nome real, *Maatkaré* (A Verdade/ Justiça é o *ka* de Ré, nome que consta na primeira cartela de Hatshepsut¹⁹) e «filha do Sol». O uso de participios gramaticais femininos, como os exemplos isolados abaixo, sob a forma masculinizada do faraó, a representação habitual do rei, sincretiza a forma tradicionalista real egípcia com símbolos femininos, de forma inovadora.

Além dos cinco nomes que escolheu, na altura da sua coroação e seguindo os ditames egípcios, Hatshepsut também poderia ser identificada por: “*hrt*, ‘the female Horus’, *ntrt nfrt*, ‘perfect goddess’, and *sit r*”, ‘daughter of Ra’”²⁰.

Ao adicionar ao seu nome²¹, que a mãe escolheu, o epíteto *hnmt-jmn*, Khenemetamon, associa-se ao deus amon (em união com Amon) trazendo desta forma uma ligação ao divino algo que ao contrário da maioria dos nomes, o seu não tinha²².

filha do Deus Amon e que será abordado posteriormente.

¹⁹ O uso da deusa *Maat* na sua cartela foi uma manobra brilhante na sua construção política. Não só o nome a identifica com a deusa *Maat*, filha de Ré, como faz referência ao nome real de seu pai Tutmés I, mais uma vez associando-a como legítima e escolhida herdeira, e assegura ao Egito de que conseguirá manter o *Maat* equilibrando o cosmos e afastando o caos como era dever de todo o Faraó vide ROBINS, 1999, p.106.

²⁰ ROBINS, 1999, p.103.

²¹ Hatshepsut significa, Primeira das Nobres Senhoras.

²² Ibidem p.107.

Imediatamente Hatshepsut inicia um reinado em nome próprio, pese embora Tutmés III continue como co-regente²³ e visível nas representações erigidas, com algumas interessantes nuances que seguidamente abordaremos. Podemos, no entanto, aduzir que a escolha de nomes, por parte de Hatshepsut e do seu séquito de apoiantes e conselheiros, bem como os textos e imagens que produziram, demonstraram os seus ensejos de legitimar o reinado como Faraó²⁴. Os nomes de Hatshepsut actuam assim como instrumentos de propaganda na sua escalada política pois associam a ideologia egípcia ao seu percurso de vida e aos seus intentos. A imagem que construíram associou Hatshepsut ao deus Amon, o demiurgo que ela identifica no mito do nascimento divino como responsável pela sua concepção²⁵, a seu pai Tutmés I, que a escolhe para seu sucessor e ao primeiro oráculo mencionado no Egípto que a anunciou como Faraó.

REPRESENTAÇÃO DE HATSHEPSUT E A SUA EVOLUÇÃO

As representações iniciais de Hatshepsut, na época em que era regente de Tutmés III, evidenciavam a sua feminidade, contudo, progressivamente Hatshepsut altera a iconografia assumindo cada vez mais uma figura andrógena e, portanto, mais próxima da representação de poder tradicional. A cara redonda, os olhos amendoados, os lábios bem desenhados, o peito, as costas e os braços femininos foram desaparecendo dando lugar a um peito liso e ombros largo, traços mais masculinos.

²³ A partir da sua coroação Hatshepsut e Tutmés III reinam como co-regentes entre o período de 1473 a. C. 1458 a.C. sensivelmente vide ROEHRIG, 2005, p.6.

²⁴ "I am king, by order of my father of whom I am issued.". Discurso de Hatshepsut na capela vermelha vide GALÁN, José M., BRYAN, Betsy M., DORMAN, Peter F., *Creativity and Innovation in the Reign of Hatshepsut – Papers from the Theban Workshop 2010*, Chicago, The Oriental Institute of the University of Chicago, 2014, p.35.

²⁵ Toma forma o mito divino de Hatshepsut que irá adornar as representações parietais de Deir El-Bahri e o qual abordaremos mais adiante

Quando iniciou a regência, Hatshepsut, optou por uma figura mais próxima do seu gênero. A imagem mostra Hatshepsut com uma túnica longa feminina, a coroa Atef, outorgando ofertas de vinho a Amon²⁶. Este parece ter sido um período em que Hatshepsut ainda realizava algumas experiências com a sua imagem como faraó, o uso paradoxal de indumentária feminina e símbolos tipicamente faraônicos e, portanto, masculinos concertam-se neste fragmento. O relevo, encontrado na capela vermelha, parece datar do fim do período de regência. Na posição inicial de regente, Hatshepsut, deixava a figura preponderante ser atribuída a Tutmés III, sendo nele concentrado o destaque ou a referência predominante num relevo. Esse predicado vai-se alterando à medida que Hatshepsut ajusta a sua imagem de poder. No sétimo ano de Tutmés III, quebrando com a tradição, Hatshepsut é coroada, adotando o papel preponderante numa dupla de co-regentes Hatshepsut-Tutmés III.

Desconhecemos as reais intenções de Hatshepsut²⁷ ao ser coroada, poderá ter usado a coroação para pôr termo a qualquer hesitação que aflorasse na sociedade egípcia? A linhagem real de Tao II apenas era transmitida por linha matrilinear e Tutmés III era filho de uma esposa secundária. Catharine Roehing e Richard Gabriel²⁸ acreditam que um ramo da família real agiria de forma usurpadora e nefasta tentando apoderar-se do trono, levando Hatshepsut a agir por forma a salvar a família real. Não temos dados para postular uma hipótese válida, porém podemos asseverar

²⁶ Oferecer vinho ao deus era algo reservado ao Faraó.

²⁷ Talvez tivesse bem presente o exemplo de Sebekneferu que, não existindo descendente masculino, assumiu o lugar do rei na XII Dinastia. Este foi um caso em que a Grande Esposa Real não actuou como regente, mas sim como faraó, governando em nome próprio. Não obstante, Hatshepsut foi faraó quando já existia um faraó coroado e isso nunca havia acontecido no Egito até então.

²⁸ Vide GABRIEL, 2009, p.15.

que esta coroação teve lugar e ao executá-la, Hatshepsut deve ter entendido que não poderia voltar atrás, dificilmente, enquanto fosse viva, Tutmés III poderia governar o Egito sozinho. Um rei coroado assoma-se como deus e como tal nunca poderia deixar de ser rei²⁹. Em alguns relevos encontramos a figura solitária de Hatshepsut, como no da sua coroação. Por se tratar de uma cerimónia de extrema importância política pensamos que o sobrinho seria propositadamente deixado sem representação, o mesmo aconteceria nas inscrições dedicatórias,³⁰ reforçando a primazia de Hatshepsut nesta dupla de monarcas³¹. A profícua proliferação da sua imagem comparativamente com a de Tutmés III contribuiu igualmente para a conclusão acima³².

Concomitantemente o título de mulher do deus Amon passou para a sua filha Neferure que assumiu os rituais religiosos exigidos pela função. O culto do mito divino, que se estabelece firmemente nesta altura, ajuda a instituir a origem divina do Faraó. Hatshepsut propala que, para além de escolhida pelo oráculo de Amon como herdeira de Tutmés I, ela seria também fruto de uma relação entre o deus Amon e a sua mãe Ahmés-Nebetta o que lhe atribui um carácter divinizado e validade deífica. A partir da coroação, a figura de Hatshepsut masculiniza-se por completo. Embora um pouco longe da tradição egípcia, quanto a conceitos, Hatshepsut viu na sua forma masculina um reconhecimento da tradição mais antiga do Egito, que não quis tornar despicienda, afinal o Faraó é sempre um homem. Talvez esta

²⁹ Vide ROEHRIG, 2005,p.13.

³⁰ VIDE LAUBORY, Dimitri - How and why did Hatshepsut invent the image of her royal power? in *Creativity and Innovation in the Reign of Hatshepsut* – Papers from the Theban Workshop 2010, Chicago, The Oriental Institute of the University of Chicago, 2014, p.52.

³¹ Apesar de Tutmés III ter sido coroado muito antes de Hatshepsut Vide LAUBORY, Dimitri - How and why did Hatshepsut invent the image of her royal power? in *Creativity and Innovation in the Reign of Hatshepsut* – Papers from the Theban Workshop 2010, Chicago, The Oriental Institute of the University of Chicago, 2014, p.52.

³² Ibidem.

representação ajudasse o povo egípcio a encará-la como um faraó válido afinal a iconografia tradicional legitimava o rei na sociedade transformando-o num deus. Por outro lado, a arte egípcia era extremamente estilizada, criar representações novas seria algo trabalhoso e moroso para os escultores e pintores. Os faraós eram sempre representados de uma forma masculina, atlética e jovem independentemente da sua idade ou verdadeiro aspecto físico, a arte egípcia era representativa de uma realeza customizada e não de uma realidade. Tendo em conta estes dois factores e pesando a tradicional figura do Faraó, Hatshepsut opta por manter a figura varonil e estilizada do rei do Egito. É essa imagem que vemos reflectida na estatuária que usa para se representar.

LEGITIMAÇÃO DO FARAÓ HATSHEPSUT

Incontornável seria a origem divina do Faraó, o seu empossamento régio provinha dos deuses, porém como já afloramos, Hatshepsut introduz algumas alterações nesta concepção político-religiosa: o oráculo e a sua própria teogamia, o mito do nascimento divino todos validando e consubstanciando a sua figura régia.

Para isso contribuíram os seus áulicos apoiantes ³³que ao longo da construção da sua imagem como Faraó ajudaram a erigir a sua representação, entre este destacamos Senenmut³⁴, importante figura no reinado de Hatshepsut e de Tutmés III. Senenmut chega inclusivamente a ser perceptor da jovem princesa Neferure e supervisor de todas as obras reais, incluindo as obras do túmulo de Hatshepsut. Hapuseneb, sumo sacerdote de Amon,

³³ CASSON, 1966, p.55

³⁴ De origem não real, provavelmente militar, este homem tornou-se uma figura incontornável no reinado de Hatshepsut, no entanto não abordaremos especificamente a sua figura e relação deste com o Faraó neste trabalho.

vizir e administrador de templos, Ineni, um importante arquiteto de Karnak que tinha servido na corte de seu pai Tutmés I. Useramun, que desempenhou um papel importante na construção do templo e é creditado por seu design em conjunto com o arquiteto Senenmut. Useramun também serviu como chefe do tesouro real e é mencionado em várias inscrições em Deir el-Bahri. Além disso, ele ocupou vários outros cargos importantes na corte, incluindo o de vizir e chefe da casa real. Intef o grande arauto real e Penre um vizir³⁵. Esta elite aristocrática, quer religiosa quer militar que cerca Hatshepsut, é apoiante evidente do rei e cooperam na construção da sua imagética real.

Hatshepsut enquadra-se na dinastia da expansão, a XVIII, responsável pelo alargar das raianas egípcias. Tal foi alcançado às custas de brilhantismo militar que deu destaque e protagonismo à classe guerreira. Hatshepsut sabia da importância desta elite militarizada e assim como usou o religioso para legitimar a sua posição de Faraó soube usar este grupo para servir os seus intentos. Assim, adoptou uma abordagem de cooptação e colaboração, nomeando vários membros da aristocracia militar para cargos importantes no seu governo e exército. A título de exemplo destacamos Djehuty, escriba real e administrador dos tesouros³⁶ e Hapuseneb mencionado anteriormente. Djehuty chegou a supervisor dos sacerdotes de Thot e coordenador das reestruturações feitas em templos de várias deidades no Egito médio³⁷. Essas nomeações estratégicas ajudaram Hatshepsut a consolidar o seu poder e a garantir a estabilidade do governo durante o seu reinado.

³⁵ SHIRLEY, J.J. -The power of the Elite in *Creativity and Innovation in the Reign of Hatshepsut* – Papers from the Theban Workshop 2010, Chicago, The Oriental Institute of the University of Chicago, 2014, p.186.

³⁶ SHIRLEY, J.J -The power of the Elite in *Creativity and Innovation in the Reign of Hatshepsut* – Papers from the Theban Workshop 2010, Chicago, The Oriental Institute of the University of Chicago, 2001, p.189.

³⁷ Vide. SHAW, 2000, p.230.

CONSECUÇÕES DO FARAÓ HATSHEPSUT

CONSTRUÇÕES

Concomitantemente Hatshepsut continua a sua política urbana, primariamente concentrada na zona de Tebas, sede da dinastia dos Tutmés, onde constrói santuários e estradas para que o povo possa aceder a tais. Entre as obras que deixou encontra-se a reconstrução do templo de Karnak, os dois obeliscos³⁸ que colocou na entrada do santuário, a capela vermelha também em Karnak, dedicada a Amon³⁹, o templo em Beni Hassan⁴⁰, um lindíssimo templo cortado na rocha, e outros projectos também assinados por Tutmés III (como o templo de Hórus no Buém). Contudo a sua marca intemporal ficou sem sombra de dúvidas na magnificência de Deir-el-Bahri⁴¹. O admirável templo funerário, Djoser-Djeseru (santo dos santos) que Hatshepsut mandou erigir para si, e que englobava um complexo santuário para Amon, Anúbis e Hathor.

No complexo funerário, Hatshepsut une o seu legado ao de seu pai Tutmés I, enfatizando a legitimação do seu governo. Cria um culto mortuário para Tutmés I no seu templo e mais tarde move o corpo deste para o complexo, realçando a sua ligação real. Mais uma vez Hatshepsut recusou-se a seguir

³⁸ Tutmés III mandaria mais tarde emparedar os obeliscos sob pena de destruir alguma coisa no templo se os mandasse derrubar. Apenas um chegou ao nosso tempo alto e imponente, o outro jazia no chão, até que em 2022 foi reerguido após um período de restauro, não tem as dimensões que teria no tempo de Hatshepsut porque parte ficou destruída Vide <https://english.ahram.org.eg/News/464326.aspx#:~:text=Nevine%20El%2DAref%20%2C%20Sunday%2010,restored%20Hatshepsut's%20obelisk%20on%20Saturday>.

³⁹ Em Karnak Hatshepsut incrementou o templo e erigiu um novo para Mut, mulher de Amon entre Karnak e Luxor. Em Medinet Habu mandou contruir um outro templo para Amon, reiterando a importância do deus no seu reinado Vide ROEHRIG, 2005, 84.

⁴⁰ Mais tarde, o local foi apelidado pelos helenos de Speos Artemidos, dedicado à deusa Pakhet foi depois intervenção por Seti I Vide BUNSON, 2002, p.68.

⁴¹ Hatshepsut tinha um túmulo predestinado no vale das rainhas, contudo ela decidiu construir o Djoser-Djeseru no vale dos Reis para seu sepulcro vide ROEHRIG, 2005, p.185.

o tradicionalismo egípcio erguendo o templo num sítio estratégico e não no predestinado vale das rainhas, inserindo-o na encosta do vale perfeitamente harmonizado com a paisagem coeva e defronte do templo de Karnak, dedicado a Amon, do outro lado do rio. O templo em tudo destrinçava dos túmulos dos seus predecessores⁴², estabelecendo uma arquitectura funerário de uma beleza estética e inovadora que levará outros faraós a mimetizá-la. Desde o túmulo, os templos, às estátuas osíriacas de Hatshepsut e as duas colossais esfinges⁴³ tudo veio consubstanciar a grandiosidade deste faraó e da sua política de obras públicas. Esta foi sem dúvida uma evidência do reinado próspero de Hatshepsut que financiou obras por todo o Egito, quer de recuperação das imensas estruturas destruídas pelos Hicsos, quer edifícios novos concentrados na zona de Tebas e orbitando o deus Amon e o faraó. Tebas torna-se o centro do cosmos expresso na arte, na literatura e na arquitectura⁴⁴. O período de Hatshepsut foi um dos mais prolixos neste tipo de empreendimentos⁴⁵ sendo superado apenas por Ramsés II que reinou o Egito na XIX Dinastia durante 66 anos. Hatshepsut compreendia a importância do programa arquitectural como suporte propagandístico e de lendário engrandecimento pessoal recorrendo à iconografia, que deixaria a marca faraónica visível durante gerações vindouras. O faraó Hatshepsut foi mecenas das artes e apoiou um renascimento cultural egípcio que a cultuou com piedade e divina ascensão, propalou as suas conquistas e expôs a riqueza e abundância que o seu governo político trouxe ao Egito.

⁴² Vide ROEHRIG, 2005, p.166.

⁴³ Vide ROEHRIG, 2005, p.166.

⁴⁴ Vide Ibidem, p. 296.

⁴⁵ Richard Gabriel acredita que foi Tutmés III a conseguir este marco, acumulando aquilo que Hatshepsut conseguiu edificar vide GABRIEL, 2009, p. 7.

Paradoxalmente Hatshepsut foi também líder de exércitos, não obstante desde os 16 anos Tutmés III servisse como general no exército de Hatshepsut⁴⁶. Parece que pelo menos umas das revoltas em Kush foi liderada pelo próprio faraó Hatshepsut⁴⁷, como ilustra um graffiti na ilha de Sehel. Conclusão semelhante inferimos ao examinar o painel de Deir-El-Bahri que representa a vitória retumbante de Tutmés I sobre os Núbios, seguido das próprias investidas militares de Hatshepsut no mesmo território. Existe, inclusivamente, uma referência mais generalista da sua directa intervenção e da derrota dos seus inimigos de Kush no templo de Hórus no Buém⁴⁸.

EXPEDIÇÃO A PUNT

A política externa do Faraó Hatshepsut assentava na procura de novos mercados e alianças diplomáticas⁴⁹, capazes de expandir o comércio interno e externo. Para tal, organizou várias expedições a regiões vizinhas, como a Núbia, a Líbia e o Levante. Além disso, Hatshepsut enviou expedições pelo mar Vermelho e pela costa africana, estabelecendo rotas comerciais e reconectando outras que a invasão dos Hicsos dirimiu, que permitiram ao Egito obter matérias-primas valiosas, como ouro, marfim e ébano. A expedição ao Punt⁵⁰, que Hatshepsut liderou, foi a mais importante e revelou a marinha que comandava, com frotas de rio e mar, de dimensão militar e comercial⁵¹, registada nas paredes de Deir-el-Bahri. Como resultado da incursão na terra

⁴⁶ GABRIEL, 2009, p.12

⁴⁷ REDFORD, 1967, p. 58-59. Vide ROEHRIG, 2005, p. 52-53.

⁴⁸ ROEHRIG, 2005, p. 53.

⁴⁹ Filip Tarteka afirma que um resultado evidente desta política externa é o facto de Tutmés III ter casado com três princesas Sírias Vide TARTEKA, 2017, p. 97

⁵⁰ A expedição era composta por 5 navios com cerca de 21 metros de comprimento e 210 marinheiros Vide WICKER, (Jul., 1998), p.161.

⁵¹ Região do corno de África, cuja localização exacta não é consensual.

de Punt, o faraó trouxe ouro, ébano, animais exóticos, árvores de incenso (pela primeira na história egípcia) e mirra, que eram muito valorizadas no Egito Antigo. As árvores de incenso eram profusamente usadas na veneração egípcia e visto não serem espécies nativas o seu uso ficava extremamente encarecido, devido aos custos de transporte e produção do incenso. Trazendo-as para o Egito, Hatshepsut consegue dirimir os custos, concomitantemente estabelecendo relações comerciais e diplomáticas com a terra de Punt⁵².

FESTIVAIS

Como vimos no discorrer do trabalho, Hatshepsut cercou-se de referências a Amon para legitimar o seu poder, não será de admirar que o festival Opet tenha ganho uma dimensão maior no reinado deste faraó. Este festival era realizado anualmente e consistia numa procissão solene que saía do templo de Karnak em direção ao templo de Luxor, transportando as imagens dos deuses, Amon, Mut e filho destes, Khonsu. A procissão era acompanhada por músicos, dançarinos e oferendas sagradas aos deuses homenageados. Esta seria mais uma oportunidade de reforçar a relação entre o governo e a religião, ajudando a afirmar a posição privilegiada de Hatshepsut junto ao deus Amon, contribuindo para a estabilidade política e social do Egito, além de garantir a protecção divina do Faraó e seu povo.

Outra comemoração política que Hatshepsut realizou durante o seu reinado foi o Heb-sed, talvez no ano 16 de Tutmés III. Esta comemoração visava a renovação simbólica do Faraó no seu trigésimo ano de reinado., nesta ocasião o faraó era reconhecido por seus súbditos, a sua legitimidade e

⁵² Região do corno de África, cuja localização exacta não é consensual.

continuidade no poder era confirmada. Hatshepsut comemorou esta ocasião unindo o seu reinado ao de seu pai Tutmés I⁵³, reforçando assim a ideia da sua escolha como sucessora do pai⁵⁴. Provavelmente o seu intuito seria enfatizar a ligação à linhagem real, legitimando o seu direito de governar o trono do Egípto e ao mesmo tempo homenagear o seu pai. Ao juntar o seu reinado ao de Tutmés I, Hatshepsut destacou a continuidade dinástica, a importância da sua linhagem real e seu próprio direito ao trono. Além disso, essa celebração também foi uma oportunidade para Hatshepsut consolidar ainda mais o seu poder e autoridade como faraó, ao apresentar-se como um líder vigoroso e capaz de manter a estabilidade política e económica do Egípto.

MORTE DO FARAÓ

Tudo o que Hatshepsut realizou durante o seu reinado, fabricou a sua figura imponente como Faraó sobre o Egípto. Por volta do ano 1458 a.C. Hatshepsut morre deixando Tutmés III como único Faraó a governar as “duas terras”. Não podemos apontar especificamente a data da sua morte, porém Tutmés III indica o início do seu reinado neste ano, portanto é seguro assumir que Hatshepsut terá morrido perto dos seus cinquenta anos empós uns estimados 22 anos de reinado. Após a descoberta dos túmulos do Vale dos Reis, a múmia de Hatshepsut permaneceu sem ser identificada até que em 2007, e graças a uma análise de A.D.N. de um dente, foi possível, ao arqueólogo Zahi Hawass, ter uma identificação segura⁵⁵. Deitada junto à ama

⁵³ SOUSA, 2010, p.65 Tese de Doutoramento.

⁵⁴ Inscrições em Dei-El-Bahri ilustram essa escolha, porém na realidade esse não seria o caso, visto Tutmés I ter filhos varões e a tradição ditar a sua precedência sobre filhas, mesmo geradas pela Grande Esposa Real.

⁵⁵ Vide The guardian - [Em linha].Londres: The guardian, 2023,atual. 2023. [Consult. 20 Abril 2023]. Disponível em WWW:URL:<https://www.theguardian.com/world/2007/jun/27/egypt.science>.

Sitre-In⁵⁶, Hatshepsut apresentava um abscesso no maxilar (que poderá ou não ter sido a razão da sua morte) e uma estrutura mais pesada, longe da figura estética e esguia com que se fez representar enquanto Faraó⁵⁷.

CONDENAÇÃO ETERNA

Vários anos haviam decorrido no governo do rei Tutmés III quando a imagem de Hatshepsut foi eliminada das representações egípcias.

Tutmés III tentou suprimir a sua co-regente da história quando provavelmente, todos os apoiantes de Hatshepsut, que continuaram ao serviço no reinado de Tutmés III, morreram ou deixaram de figurar como pessoas de destaque na sociedade e no governo do Egito. Provavelmente numa fase em que o seu próprio reinado como faraó nominal do Egito estivesse profundamente arraigado nos preceitos tradicionais egípcios ou numa altura em que o seu filho Amenhotep II seria co-regente.

Quando a historiografia (re)descobre Hatshepsut e os primeiros relatos sobre este faraó são grafados, afirmava-se que Tutmés III, impelido por um profundo ressentimento, mandou eliminar o lugar da madrastra na História⁵⁸. Contudo, como poderia um general do exército de Hatshepsut e militar de confiança do Faraó estar maniatado pela co-regente? Se Tutmés III fosse realmente um impedimento aos intentos “usurpadores” de Hatshepsut esta poderia ter posto termo à “ameaça” durante a infância de Tutmés. Porém, não só a madrastra de Tutmés lhe concebeu uma educação, como se certificou

⁵⁶ Em 1903 Carter descobriu o túmulo assinalado como KV60 pertencente à enfermeira real Sitre. O túmulo abrigava duas múmias, a de Sitre e outra múmia, não identificada com o braço esquerdo a cruzar o peito, típico posicionamento real da XVIII dinastia. Já no século XXI e graças a análises de A.D.N. foi possível identificar esta múmia como sendo Hatshepsut vide TYLDESLEY, 1998, p.251

⁵⁷ Vide SALES, 2008, p.13-14.

⁵⁸ KINDERSLEY, 1985, p.69.

de que seria a de um “rei”, com treino militar e completa literacia egípcia. Hatshepsut enviou posteriormente Tutmés III, na sua função de general, para locais de conflito e as tropas debaixo das suas ordens ser-lhe-iam leais, uma revolta contra Hatshepsut teria sido fácil, no entanto isso nunca aconteceu⁵⁹. O facto de Hatshepsut ter mantido um general do exército, um rei co-regente ao seu lado, pacificamente, mostra que de alguma forma Tutmés III aceitava o governo da sua tia. Adicionalmente o evento de ter conservado alguns dos homens de confiança que trabalhavam com Hatshepsut no governo, após a sua morte, revela que esta condenação eterna não teria um teor vingativo. O Egito também aceitava este faraó, Ineni, já mencionado, ortografa a perspectiva do povo:

“Hatshepsut ocupou-se dos assuntos do Egito segundo os seus próprios planos. O país curvou a cabeça diante dela, a perfeita expressão divina vinda de Deus. Era o cabo que serve para içar o Norte, o poste onde se amarra o Sul; era o cabo perfeito do leme, a soberana que dá as ordens, aquela cujos planos excelentes pacificam as Duas Terras quando fala.”⁶⁰

Teorias mais alinhadas com a mentalidade egípcia e a realidade singular de Hatshepsut e Tutmés III, entretanto surgiram. A destruição das imagens de Hatshepsut por Tutmés III surgiram como uma tentativa de apagar a memória da sua antecessora, a segunda morte⁶¹, e afirmar sua própria autoridade e legitimidade como faraó. É provável que Tutmés III tenha sido casado com a sua meia-irmã Neferure filha de Hatshepsut e Tutmés II⁶². Se Tutmés III

⁵⁹ Vide GABRIEL, 2009, p.16-17.

⁶⁰ JACQ, 1998, p.72

⁶¹ Segundo as crenças egípcias a obliteração da sua imagem e nome deixariam a impossibilidade de Hatshepsut viver durante toda a eternidade.

⁶² GABRIEL, 2009, p.9.

chegou a casar com Neferure (casamento teria sido curto sem descendência), a eliminação da memória da mãe serviria para mostrar que o faraó fora sempre de uma linhagem tradicional masculina dissuadindo outras mulheres de elite de seguirem o seu exemplo. Esta teoria teria também consubstanciado a necessidade de Amenhotep II, filho e herdeiro de Tutmés III, estabelecer a sua autoridade como faraó. Mais uma vez salientamos que a linha Ahmésida da XVIII dinastia estava bem fundamentada nas mulheres da família (como Hatshepsut) e pouco, ou nada, vincada nos homens⁶³. A eliminação de Hatshepsut das listagens reais marcaria uma ligação directa entre Tutmés II-Tutmés III e Amenhotep II⁶⁴. Destarte o filho de Tutmés III teria uma ligação directa e dinástica aos Tutmés⁶⁵. A eliminação de Hatshepsut proporcionaria, inclusivamente, o restauro do *Maat*, da linha tradicional masculina egípcia, do faraó que é o descendente de Horús na terra. Precedido por uma mulher, que governou como faraó e não como uma rainha-mãe, poderia enfraquecer o poder legítimo do faraó vigente e talvez por isso Tutmés III e principalmente o seu filho Amenhotep II, tenham suprimido a figura de Hatshepsut dos anais da história⁶⁶. Insofismável é a destruição das estátuas por forma a remover o carácter divino associado ao faraó⁶⁷ em exercício e a sobrevivência do Ka. Algumas inscrições e relevos de Hatshepsut que estavam longe do olhar

⁶³ O único autor que encontrei que menciona Tutmés I como filho de Amenhotep I é Luis Manuel Araújo, todos os outros asseveram que embora seja difícil estabelecer a árvore familiar da XVIII Dinastia é provável que apenas Ahmés-Nebetta, mulher de Tutmés I, fosse filha de Amenhotep I, apoiando a ideia da linha matrilinear vide ARAUJO, 2011, 140.

⁶⁴ Amenhotep II era filho de uma esposa secundária de Tutmés III, não tinha, por isso, qualquer relação biológica com Hatshepsut, o faraó que trazia a linhagem matrilinear real.

⁶⁵ ROHRIG, 2005, p.281.

⁶⁶ O eliminar da memória teve lugares mais de 20 anos após o reinado de Tutmés III, talvez numa altura em que Amenhotep II já estaria como co-regente de seu pai.

⁶⁷ Remoção do *Uraei*, das representações glípticas, as estátuas foram partidas e enterradas em buracos Vide. BRYAN, B. M. – Episodes of iconoclasm in the Egyptian New Kingdom. In May, Natalie (ed.) *The Oriental Institute of the University of Chicago Oriental Institute Seminars*, Nº 8, p.363–389. Chicago: University of Chicago, 2012, p.366.

público não foram visadas, ajudando o argumento de que tratar-se-ia de uma motivação política e não de ressentimento ou aversão e de que a obra artística de Hatshepsut foi extremamente prolixa não sendo possível eliminar todos os seus vestígios. Faraós posteriores tiveram o mesmo posicionamento face a Hatshepsut e a outros reis que fugiram à linha tradicionalista. A lista de Abidos, no templo de Abidos de Seti I, exclui o nome de Hatshepsut e Akhenaton por não estarem alinhados com a ortodoxia egípcia, assim como faria Ramsés II.

CONCLUSÃO

Hatshepsut soube ler o contexto político e social em que se encontrava inserida e descortinar uma forma inteligente de se legitimar sem colocar em causa todo o tradicionalismo egípcio. Ela criou uma série de conceitos inovadores e até futuristas, foi uma líder visionária e corajosa que ousou desafiar alguma da tradição, implementando ideários que acabaram por levar a um período de prosperidade e estabilidade durante o seu reinado. Soube lidar com a importante, e em ascensão aristocracia militar, colocando-os em lugares-chaves, geriu e liderou pessoalmente campanhas militares e expedições comerciais. Os seus projectos de construção foram massivos e alguns vanguardistas como o seu templo em Deir El Bahri, o que sem sombra de dúvida evidenciou a prosperidade do seu reinado. Em termos de política externa deu primazia a relações diplomáticas e alianças comerciais. Trouxe para o Egipto novos produtos restabelecendo rotas interrompidas pelos Hicsos e instituindo novas. Da sua autoria foram as inovações religiosas e por consequência políticas, como o mito do nascimento divino, a introdução do oráculo, e a constante afirmação da conexão divina a Amon e à linhagem real. Hatshepsut desempenhou uma função sempre atribuída a um homem

e durante o reinado de um rei, e como tal adoptou a imagem masculina por forma a ser reconhecida nesse papel, usando paradoxalmente os epítetos femininos. Hatshepsut restabeleceu o *Maat*, afinal as suas conseqüências demonstravam a aprovação dos deuses: as viagens comerciais; a expedição a Punt; as campanhas militares; o programa de construção; a laboriosa arte de construir e erguer obeliscos, esfinges e estátuas colossais; a estabilidade económica e a prosperidade. Ademais, Hatshepsut tinha consciência da posteridade e da importância de seu legado.

“Truly my heart turns this way and that, as I think what the people will say - those who shall see my monuments in years to come, and who shall speak of what I have done.”⁶⁸

A frase acima está esculpida num dos dois obeliscos que mandou erigir em Karnak. Esta percepção futurística acresce a todas as características notáveis desta mulher que ousou ser o Faraó e ilustra o seu carácter inovador e até anacrónico. A sua condenação eterna visava sobretudo dissuadir mulheres da elite de seguirem o seu exemplo, restaurando a ortodoxia pura e masculina egípcia. Embora a condenação da memória de Hatshepsut, que na prática não foi alcançada, possa ter servido como um aviso para outras mulheres de elite na época coeva, a história mostra que as mulheres foram capazes de superar essas barreiras e alcançar posições de poder e influência.

⁶⁸ SINGLER, Graciela – The Obelisks of Hatshepsut: legitimacy and Propaganda, Buenos Aires: Argentine Catholic University, 2005 tese de Doutoramento p.44.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Luis Manuel – Os grandes Faraós do antigo Egito, Lisboa: A esfera dos livros, 2011.
- ARNOLD, D. (2005) Djoser-Djeseru. The Temple of Hatshepsut at Deir el-Bahri. In C. H. Roehrig, R. Dreyfus and C. A. Keller (eds.) *Hatshepsut. From Queen to Pharaoh*, New York: The Metropolitan Museum of Art.
- BRYAN, B. M. - The 18th Dynasty before the Amarna Period (c.1550–1352 BC). In I. Shaw (ed.) *The Oxford History of Ancient Egypt*, 218–271. New York: Oxford University Press, 2000.
- BRYAN, B. M. – Episodes of iconoclasm in the Egyptian New Kingdom. In May, Natalie (ed.) *The Oriental Institute of the University of Chicago Oriental Institute Seminars*, Nº 8, 363–389. Chicago: University of Chicago, 2012.
- DAVIES, V. - Hatshepsut's Use of Tuthmosis III in Her Program of Legitimation. *Journal of the American Research Center in Egypt* 41, 55–66, 2004.
- DORMAN, P. F.- Hatshepsut: Princess to Queen to Co-ruler. In C. H. Roehrig, R. Dreyfus and C.A. Keller (eds.) *Hatshepsut. From Queen to Pharaoh*, New York; The Metropolitan Museum of Art, 2005.
- DORMAN, P. F.- The Destruction of Hatshepsut's Memory. The Proscription of Hatshepsut. In C.H. Roehrig, R. Dreyfus and C. A. Keller (eds.) *Hatshepsut. From Queen to Pharaoh*, New York: The Metropolitan Museum of Art, 2005.
- GABRIEL, Richard – *Thutmose III the militar biography of Egypt's Greatest Warrior King*, Washington: Potomac Books, Inc , 2009.
- GALÁN, José M., BRYAN, Betsy M., DORMAN, Peter F. - *Creativity and Innovation in the Reign of Hatshepsut – Papers from the Theban Workshop 2010*, Chicago, The Oriental Institute of the University of Chicago, 2014.
- HABACHI, Labib -Two Graffiti at Sehêl from the Reign of Queen Hatshepsut in *Journal of Near Eastern Studies*, Vol. 16, No. 2, 1957, p. 88-104.
- HAYES, William C. – The Scepter of Egypt part II a background for the study of the Egyptian antiquities in the Metropolitan Museum of Art, New York: The Metropolitan Museum of Art, 1959.

- JACQ, Christian – *As Egípcias, retratos de mulheres do Egito faraónico*, Porto: Asa Editores, 1998.
- KARKOWSKI, J. - Pharaoh in the Heb-Sed Robe in *Hatshepsut's Temple at Deir el-Bahri. Études et Travaux XIX*, 2001.
- KELLER, C. A. - The Joint Reign of Hatshepsut and Thutmose III. In C. H. Roehrig, R. Dreyfus and C. A. Keller (eds.) *Hatshepsut. From Queen to Pharaoh*, New York: The Metropolitan Museum of Art, 2005.
- KINDERSLEY, Dorling – *Ao encontro do passado*, Lisboa: Selecções dos Reader's Digest.
- LAUBORY, Dimitri - How and why did Hatshepsut invent the image of her royal power? in *Creativity and Innovation in the Reign of Hatshepsut – Papers from the Theban Workshop 2010*, Chicago, The Oriental Institute of the University of Chicago, 2014.
- ROEHRIG, C. H. et al. *Hatshepsut*. [s.l.] Metropolitan Museum of Art, 2005.
- REDFORD, Donald – *History and Chronology of the Eighteenth Dynasty of Egypt: Seven Studies*, Toronto: University of Toronto Press, 1967.
- ROBINS, Gay - The Names of Hatshepsut as King in *JEA* 85, 1999, p. 103-112.
- ROTH, A. M. - Erasing a Reign. In C. H. Roehrig, R. Dreyfus and C. A. Keller (eds.) *Hatshepsut. From Queen to Pharaoh*, New York: The Metropolitan Museum of Art, 2005.
- SALES, José- *Políticas e culturas no antigo Egito*, Lisboa: Chiado Editora, 2015.
- SINGLER, Graciela – *The Obelisks of Hatshepsut: legitimacy and Propaganda*, Buenos Aires: Argentine Catholic University, 2005 tese de Doutorado.
- SOUSA, Aline Fernandes - *A mulher faraó: Representações da rainha Hatshepsut como instrumento de Legitimação (Egito Antigo – Século XV a. C.)*, Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2010 p. 65. Tese de Doutorado.
- SOUSA, Rogério – *Iniciação e mistério no antigo Egito*, Lisboa: Ésquilo, 2009.

TYLDESLEY, Joice - *Chronicle of the Queens of Egypt from early dynastic times to the death of Cleopatra*, London:Thames & Hudson, 2006.

TARTEKA, Filip- Military expeditions of King Hatshepsut in *Current Research in Egyptology 2016*, CHYLA, Julia M. (eds) Reino Unido: Oxbow books, 2017.

UPHILL, E. P. -A Joint Sed-Festival of Thutmose III and Queen Hatshepsut in *Journal of Near Eastern Studies*, Vol. 20, nº 4, 1961, p. 248-251.